

MODERNIDADE NO SUL DE MATO GROSSO: observações do viajante Rezende Rubim^{1,2}

MODERNITY IN SOUTHERN MATO GROSSO: notes from traveler Rezende Rubim

MODERNIDAD EN EL SUR DE MATO GROSSO: observaciones del viajero Rezende Rubim

NATANIÉL DAL MORO

Doutor em História Social pela Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
natanieldaloro@bol.com.br

Resumo: Este artigo analisa uma parte da obra *Reservas de brasilidade*, de autoria de Rezende Rubim, que foi publicada em 1939, pela Companhia Editora Nacional. O objetivo fundamental é o de elencar e analisar aspectos apontados por Rubim sobre a modernidade existente no sul do Estado de Mato Grosso, território que no mês de outubro de 1977 passou a compor o Estado de Mato Grosso do Sul. A maior parte das observações centrou-se no chamado espaço urbano das cidades de Três Lagoas, Campo Grande, Aquidauana, Miranda e Corumbá, embora muitas outras questões tenham sido destacadas de forma significativa por parte do olhar de Rubim, como a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB).

Palavras-chave: História Social da Cidade. Modernidade urbano-citadina. Representações.

Abstract: This article analyses excerpts of the book *Reservas de brasilidade* by Rezende Rubim, published in 1939 by Companhia Editora Nacional. The main objective of this work is to list and analyze aspects pointed out by Rubim on the modernity in southern Mato Grosso state, territory that in October 1977 became part of the State of Mato Grosso do Sul. Most comments focus on so-called urban space in the cities of Três Lagoas, Campo Grande, Aquidauana, Miranda and Corumbá, although Rubim had highlighted many other issues in a meaningful way, as the Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (Northwest Railroad of Brazil – NOB).

Keywords: City Social history. Urban-city modernity. Representations.

Resumen: Este artículo analiza una parte de la obra *Reservas de brasilidade*, de autoria de Rezende Rubim, publicada en 1939, por Companhia Editora Nacional. El objetivo fundamental del trabajo es INCLUIR ELENCAR y analizar aspectos enseñados por Rubim sobre la modernidad que hay en Sur del Estado de Mato Grosso, Brasil, región que, en octubre de 1977 vino a componer el Estado de Mato Grosso del Sur. Grand parte de las observaciones se centran en el llamado espacio urbano de las ciudades de Tres Lagoas, Campo Grande, Aquidauana, Miranda y Corumbá, sin embargo otras cuestiones se destacan de modo significativo bajo la mirada de Rezende Rubim, como la Estrada de Ferro Noroeste de Brasil (NOB).

Palabras clave: Historia Social. Modernidad urbana. Representaciones.

¹ Artigo submetido à avaliação em 11/04/2014 e aprovado para publicação em 24/05/2014.

² Algumas das reflexões contidas neste artigo foram apresentadas inicialmente na 60ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), na Unicamp, em julho de 2008. A pesquisa contou com financiamento da CAPES. MORO, Nataniél Dal. A modernidade do espaço urbano-citadino do sul de Mato Grosso nas representações de um viajante da NOB (década de 1930). 2008. MORO, Nataniél Dal. A modernidade do espaço urbano-citadino do Sul de Mato Grosso nas representações de um viajante da Nob (década de 1930). In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 60., 2008, São Paulo. Anais eletrônicos...São Paulo: Unicamp, 2008. Disponível em: <<http://www.sbpcnet.org.br/livro/60ra/resumos/resumos/R0104-1.html>>. Acesso em: 28 nov. 2008.

Viajantes pelo sul de Mato Grosso

No decorrer da segunda metade do século XX, o sul do Estado de Mato Grosso continuou a ser objeto de análise de inúmeros observadores, assim como o era em décadas e séculos anteriores. Rezende Rubim foi um destes viajantes observadores. Na obra intitulada *Reservas de brasilidade*, publicada em 1939 pela Companhia Editora Nacional, série 5ª, volume 161, da Brasileira Bibliotheca Pedagogica Brasileira, coordenada por Fernando de Azevedo, existe um relato muito interessante sobre a realidade da região³. Relato esse que contém elementos importantes para que se possa estabelecer um entendimento mais amplo de como se formou a modernidade cidadina no sul do então segundo maior Estado em extensão territorial do Brasil, menor apenas do que o Amazonas.

Dividida em duas partes, na primeira Rubim abordou a “Amazônia” nos seguintes aspectos: “Belém do Pará á vista”, “Rumo a Manáos”, “Ambiente”, “Fauna”, “A vivenda”, “A pesca da tartaruga”, “O regatão” e “A borracha”. Já na segunda parte o assunto central foi denominado “Matto Grosso” e compõe-se de nove capítulos, que são: “A transcontinental do futuro”, “Corumbá”, “A festa joanina em Corumbá”, “A viagem Corumbá-Cuiabá”, “Cuiabá”, “As touradas em Cuiabá”, “A região garimpeira-Lageado”, “A região garimpeira-Poxoreu” e “As visitas do coronel Fawcett a Matto Grosso”. Destes nove capítulos, os dois primeiros possuem afirmações muito apropriadas para que se possa pensar como Rezende Rubim concebeu o sul de MT quando de sua viagem à região, isso ainda no início da década de 1930⁴.

No capítulo I, denominado “A transcontinental do futuro”, o autor destacou a importância da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB) no processo de formação das

³ Para detalhes sobre a política editorial em voga no Brasil a partir da década de 1930 até a de 50 e a importância da Companhia Editora Nacional, ver o texto de PONTES, Heloisa. Retratos do Brasil: editores, editoras e “Coleções Brasileira” nas décadas de 30, 40 e 50. In: MICELI, Sergio (Org.). História das Ciências Sociais no Brasil. São Paulo: *Vértice/Revista dos Tribunais/IDESP*, 1989, v. 1, p. 384-397. Sobre as desigualdades regionais de produção e o mercado editorial brasileiro, consultar MICELI, Sergio. Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945). São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1979, p. 84-91.

⁴ Entrei em contato com familiares de Rubim para obter informações e detalhes sobre a viagem e o seu trabalho em geral por terras do oeste brasileiro, porém, não houve retorno por parte destes. Luiz do Amaral, na década de 1920, já tinha feito viagem ao sul de MT seguindo o caminho da NOB. Para AMARAL, Luiz. *A mais linda viagem: um “raid” de vinte mil kilometros pelo interior brasileiro*. São Paulo: Melhoramentos de São Paulo, 1927, p. 11: “Os brasileiros conhecem Matto Grosso menos do que os europeus ao Brasil.” Na obra de STEINEN, Karl vonden. *O Brasil Central: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu*. São Paulo: Nacional, 1942, há relatos sobre a região pantaneira na década de 1860. A Expedição Langsdorff e o Cel. Ricardo Franco de Almeida Serra, respectivamente nos séculos XIX e XVIII-XIX, também deixaram valiosas anotações sobre o território que hoje compõe MS. Ver MOURA, Carlos Francisco. *A expedição Langsdorffem Mato Grosso*. Cuiabá: UFMT, 1984. e FURTADO, Sebastião da Silva. *Cel. Ricardo Franco de Almeida Serra*. Rio de Janeiro: Ministério da Guerra, 1960.

idades existentes no sul de Mato Grosso⁵. O relato de Rubim, podemos dizer, percorre o trajeto da NOB, cujo início em terras mato-grossenses dava-se em Três Lagoas e findava, naquela época, em Porto Esperança, região próxima de Corumbá.

O capítulo II, chamado “Corumbá”, também possui um relato de grande importância. As observações sobre a geografia, a política de Vargas, os meios de comunicação, o comércio e a estrutura urbana das cidades de Corumbá e de Campo Grande são os destaques. As adjetivações também aparecem em expressivo número.

Dito isso, o intuito deste escrito foi o de elencar e analisar, na medida do possível, os aspectos apontados por Rubim em suas anotações de viagem. Ademais, objetivamos externar, por meio das representações de um viajante, aspectos da modernidade existentes no sul do Estado de Mato Grosso, território que no dia 11 de outubro de 1977 passou a compor o Estado de Mato Grosso do Sul (MS).

Rubim, um observador *in loco*

No “Preambulo”, Rubim iniciou seu texto afirmando que muitas observações feitas por determinados sujeitos sobre o Estado de Mato Grosso (MT) eram errôneas e que seu objetivo ao escrever o livro *Reservas de brasilidade* era não levar em frente tal “phantasia desmedida”⁶ a respeito de MT. Foi categórico ao afirmar que parte destes equívocos devia-se ao fato de muitos dos observadores sequer conhecerem pessoalmente MT, por ele denominado de “o grande Estado central”.

Para inúmeros sujeitos do litoral, “[...] o grande Estado central é o Far-West brasileiro, onde a força é lei e o homem um egresso, fugido das prisões e dos castigos.”⁷ Já o “nativo”, Rubim referia-se ao indígena, acabava também reforçando o entendimento de que MT era um lugar “atrasado” em relação ao litoral do Brasil.

⁵ A NOB já era objeto de análise mesmo antes de estar concluída na sua totalidade. A esse respeito ver em especial os escritos de NOGUEIRA, José Ferreira de Mello. *Excursão a Matto Grosso*: artigos publicados no Commercio de S. Paulo. São Paulo: Pocaí Weiss, 1915. Muito relevantes, e também pelas particularidades apresentadas pelos autores em seus trabalhos ao pensar a NOB, são as análises externadas por VICENZI, Giacomo. *Paraíso Verde*: impressões de uma viagem a Matto Grosso em 1918. [S.l.:s.n., 1922]; AZEVEDO, Fernando de. *Um trem corre para o Oeste*: estudo sobre a Noroeste e seu papel no sistema de viação nacional. São Paulo: Martins, 1950; QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. *Uma ferrovia entre dois mundos*: a E. F. Noroeste do Brasil na primeira metade do século 20. Bauru; Campo Grande: EDUSC; UFMS, 2004; GRECO, Maria Madalena Dib Mereb. *Patrimônio e memória*: duas paralelas. 2005. 63 f. Monografia (Especialização em História Regional) – Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em História, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Aquidauana, 2005 e GRECO, Maria Madalena Dib Mereb. *A menina e o trem*: trilhos e memória. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2011.

⁶ RUBIM, Rezende. *Reservas de brasilidade*. São Paulo: Nacional, 1939, p. 14. Informamos que a grafia não foi atualizada.

⁷Ibid., p. 119.

Outras vezes a má impressão vem de ouvir o próprio nativo, relatando façanhas rocambolascas e de factos contados por adventiciosá procura de noticiário sensacional. Matto-Grosso não é o que se pensa: é um Estado progressista, que tem sabido elevar-se com os seus próprios recursos.⁸

Seguramente o progresso mencionado por Rubim tinha muita relação com os trilhos da NOB e com a instalação de forças militares na cidade de Campo Grande, e também em várias outras localidades do sul de Mato Grosso, como Bela Vista e Ponta Porã, tendo em pauta a reordenação da política militar efetivada no início da década de 1920.

Vejam as observações feitas por Rubim sobre essas duas questões: O traçado da NOB “[...] é um dos mais arrojados gestos político-economicos do Brasil republicano.”⁹ “A ponte sobre o rio Paraná, divisa dos dois Estados, abraçando-os, com 1.050 metros de comprimento e arcabouço metallicoprotector, é uma das mais perfeitas realizações da engenharia patrícia”¹⁰.

Já a presença de militares no sul de MT trouxe no mínimo duas alterações: 1ª) com a fixação de militares houve uma certa “diminuição da autonomia local” e 2ª) em razão desse amainamento da força dos coronéis, ocorreu o fortalecimento do poder público sobre a região¹¹, embora alguns “chefes militares” não tivessem “sabido guardar a posição a cavalleiro das rixas politicas locais”¹².

Embora não tenha apontado de forma tão explícita a contribuição da pecuária para o “progresso” do sul de MT é adequado frisar que ela era o principal produto econômico da região e que foi por meio da indústria pastoril que parte das municipalidades do sul do Estado, em especial Campo Grande, integraram-se à modernidade

existente em outros locais do mundo, tanto estética, material ou educacional.

Elogios à modernidade cidadina

Na década de 1930, a maioria da população existente no sul do Estado de Mato Grosso, assim como a brasileira, residia nas zonas rurais. A quantidade de pessoas morando

⁸Ibid., p. 119.

⁹ RUBIM, op.cit., p. 120.

¹⁰ Ibid.,p. 122. Cabe mencionar aqui que nem todos os sujeitos do período – mais especificamente de uma época que ficou conhecida pela filosofia da *Marcha para o Oeste* – pensaram os trilhos como adequados para o “progresso” do interior do Brasil. No entender de Theophilo de Andrade, os trilhos eram necessários, mas este autor menciona que tal política deu-se como uma cópia do que tinha sido feito na Europa. E ressalta também que antes da ferrovia o Brasil deveria ter utilizado as suas vias fluviais, e só depois ter recorrido à construção de ferrovias, tal como se deu na Europa. ANDRADE, Theophilo de. *O rio Paraná no roteiro da Marcha para o Oeste*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1941.

¹¹Ibid., p. 122.

¹²Ibid., p. 125.

nas cidades era pouco expressiva. Aliás, na maior parte da primeira metade do século XX, mais de 70% da população brasileira como um todo também residia no campo¹³.

No sul de MT, as cidades que possuíam algum destaque neste sentido eram: Aquidauana, Campo Grande, Corumbá, Nioaque, Ponta Porã e Três Lagoas. Por ser viajante que seguia pelos trilhos da NOB, Rubim observou com mais apreço apenas a realidade (restrita) que correspondia ao trajeto dos trilhos. Sendo assim, fez anotações que dizem respeito muito mais ao que se pode chamar de história urbana e da cidade do que sobre a história rural.

Logo, deixou de observar inúmeras outras localidades do sul de Mato Grosso, contudo, as observações que fez sobre Três Lagoas, Campo Grande, Aquidauana, Miranda e Corumbá são de extrema valia para se pensar a modernidade¹⁴ existente na região, na verdade, os elogios feitos por Rubim para esta modernidade que, por sua vez, era tributária do desenvolvimento da pecuária, sobretudo, da bovinocultura.

Neste relato sobre a modernidade existente nas cidades por onde passavam os trilhos da NOB, o autor afirmou que Três Lagoas “ainda é uma cidade em evolução”¹⁵ e que nela existiam “algumas construções modernas”¹⁶. Depois desta breve observação, disse que de Três Lagoas em diante o solo deixava de ser tão arenoso e passava a ser mais vermelho e que a vegetação era rala¹⁷.

Sinalizou que a faixa de terras entre Três Lagoas e Campo Grande era uma extensa “zona do gado”. Referindo-se à qualidade dos pastos dos Campos da Vacaria, local integrante da Serra de Maracaju, considerou que em “Matto Grosso, somente no Pantanal, na Nhecolândia, encontram-se pastos superiores aos da Vacaria”¹⁸.

¹³ BERQUÓ, Elza. Evolução demográfica. In: SACHS, Ignacy; WILHEIM, Jorge; PINHEIRO, Paulo Sérgio (Orgs.). *Brasil: um século de transformações*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 16.

¹⁴ Entende-se modernidade neste texto não apenas como uma palavra que derivou, no século XIX, do termo moderno que já era utilizado séculos antes, cuja origem reside no latim. Portanto, deve-se pensar modernidade como sinônimo de algo que é recente, novo, e também como algo que significa progresso, desenvolvimento e, não menos, transformações radicais em várias esferas da realidade social. Para maiores esclarecimentos sobre essa questão, consultar LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003, p. 173-178.

¹⁵ RUBIM, op.cit., p. 123.

¹⁶ Ibid.,p. 124.

¹⁷ Ibid.,p. 124.

¹⁸ Ibid., p.124.

Decorrido este trajeto, chegava-se em Campo Grande. A *Cidade Morena*¹⁹, como naquela época já era conhecida, foi fartamente elogiada. Segundo Rezende Rubim,

Campo Grande já é uma cidade importante; nucleo de convergencia de diversos municípios proximos. A cidade é bem traçada em ruas largas, sendo algumas calçadas a Mac-Adam. Possui um jardim muito gracioso e residencias de primeira ordem. Nada fica a dever ás modernas cidades paulistas do ciclo do café. Sendo Campo Grande a séde da Região Militar e lá estando localizados alguns milheiros de soldados, o elemento de farda avulta dentro da população civil. Amambahy, o bairro dos quarteis, está se transformando em outra cidade, com todo o conforto. A localização em Campo Grande da Região Militar trouxe grandes beneficios ao lugar. Derrama-se assim, mensalmente, uma somma respeitavel de dinheiro no commercio local.²⁰

Os elogios não cessaram. Rubim externou que a “[...] região campograndense, aliás como toda essa parte do sul do Estado, é cosmopolita [...]”²¹ e que da *Cidade Morena* “[...] partem outras estradas importantes para outras cidades sédes de outros municípios; sendo o local o centro rodoviario de toda a zona sul de Matto-Grosso. Campo Grande já possui cerca de 15.000 habitantes.”²² Não custa frisar que a população total da municipalidade era de mais de 50 mil pessoas, porém, a maior parte residia na zona rural.

Na continuidade do trajeto, o viajante Rubim chegou à cidade de Aquidauana, hoje considerada como a “porta de entrada do Pantanal sul-mato-grossense”. Esse local, “[...] tem progredido e, ultimamente, o commercio tem-se desenvolvido por causa da industria das xarqueadas. Aquidauana é muito bem traçada e a construcção já se vae orientando por tendencia francamente moderna”²³.

A próxima localidade a ser elogiada por Rubim foi a cidade de Miranda, originada de um presido construído no final do século XVIII. “A rua que margina o caminho ferreo é

¹⁹ Campo Grande foi denominada e ficou conhecida como Cidade Morena, no mínimo, desde a década de 1910. O religioso Dom Francisco de Aquino Corrêa (1885-1956), que também foi poeta, escritor e governador de Mato Grosso, é um dos autores que pensou a urbe como uma “terra roxa dos guavirais selvagens.” FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (FIBGE). *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE, 1958, p. 158. Por causa da cor vermelha ou roxa de sua terra, a cidade passou a ter tal denominação, sendo inclusive documentada de forma impressa na obra *Terra natal* como um lugar que tinha “terras tão roxas e mimosas.” CORRÊA, Francisco de Aquino. *Terra natal*. 2. ed. Niterói: Escola Typ. Salesiana, 1922, p. 95. Outra possível origem do termo se deve à cor da pele das pessoas que nela residiam, em particular a pele das mulheres, quase sempre morena. Mesmo diante desses fatos, faz-se necessária uma pesquisa em outros materiais, podendo-se, então, determinar com mais propriedade a autoria individual, ou até mesmo coletiva, do termo. Já a denominação de que Campo Grande era a cidade “que mais crescia no Oeste do Brasil” consta em várias matérias publicas pelo periódico *Correio do Estado*. Estas expressões também foram difundidas por outros periódicos e obras de memorialistas. Ver MORO, Nataniél Dal. *O pensar da elite sobre o povo comum: espaço público, viver urbano e reterritorialização do centro da cidade de Campo Grande (décadas de 1960-70)*. 2012. 310 f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2012.

²⁰ RUBIM, op. cit., p. 125.

²¹Ibid., p. 126.

²²Ibid., p. 127.

²³Ibid., p. 128.

debruada de bons predios e as ruas transversaes são entrevistadas em rectas seguras e bem lançadas”²⁴.

Saindo de Miranda, depois de algumas horas pelo Pantanal adentro chegava-se em Porto Esperança. Dessa localidade para frente, que era até então o ponto final dos trilhos da NOB, a viagem era feita por via fluvial. “O vaporsinho que faz o serviço de travessia, subindo o Paraguay até Corumbá é [...] o “Fernandes Vieira”, pertencente a Empresa Migueis”²⁵.

Rubim não esqueceu de frisar que o transporte por meio da via fluvial era apenas um dos meios de se chegar até Corumbá, tendo em vista que

[...] já há um serviço regular do Sindicato Condor que traz os seus aeroplanos de S. Paulo até Cuiabá em um dia e horas. Inaugurou-se recentemente um serviço com o tri-motor Rio-Corumbá que muito facilitará o intercambio com a Bolívia, por intermedio do Lloyd Aereo Boliviano²⁶.

Analisando o relato de adjetivações feitas por Rubim sobre as cidades do sul de Mato Grosso, podemos dizer que são muito positivas, seguramente Corumbá recebeu a maior atenção. Portanto, o autor concentrou a maior parte da sua dissertação nesta cidade.

De Ladario a Corumbá, por agua, são 15 a 20 minutos. Chamam-na de cidade branca e, com effeito, merece tal designação. Está situada a cavalleiro, em uma eminencia calcarea que lhe empresta o tom alvadio caracteristico. Vestida assim em tom argenteo, [...] Corumbá, a princeza do rio Paraguay, apparece para quem chega, ao dobrar da volta do rio, tal como se fora uma joia cheia de facêtas, faiscando ao dourado dos raios do astro-rei.

A cidade está construida [...] em uma elevação. A parte que fica ao nivel do rio é a destinada ao commercio: lá estão as casas mais importantes do lugar, a Alfandega, os estaleiros, etc. Alcança-se a parte alta da cidade por duas rampas principaes: uma partindo da Alfandega e outra das proximidades de um estaleiro e que termina na praça da Matriz. A rampa da Alfandega, muito bem arranjada, é uma curva que suavisa a subida, indo terminar no ponto mais central da cidade – o crusamento da rua Frei Mariano com a Avenida Candido Mariano. Esta avenida é uma linda via publica, debruando o alto do barranco, toda arborisada de palmeiras reaes e de onde se descortina o panorama do rio em todos os quadrantes. Corumbá é traçada em xadrez e as suas ruas são largas e bem abauladas. Quasi não existe calçamento. Todas ou quasi todas as vias publicas são pavimentadas com um calcareo esbranquiçado, comprensado com machina de rolo, apropriada. Tal calçamento substitue perfeitamente qualquer outro, resistindo áacção das aguas e tendo a vantagem de não armazenar muito calor em clima como o de Corumbá, onde o calçamento á pedra é desaconselhavel²⁷.

Depois dessas observações que sinalizam o desenvolvimento comercial existente em Corumbá e também parte da infraestruturra cidadina nela presente, Rubim externou ainda que a “[...] cidade possui boas edificações, sendo de notar que se emprega muito a pedra nas construcções por ser muito facil a aquisição d’esse material; a pedra e a cal são encontradas em diversos logares das cercanias da cidade. Corumbá possui uma sociedade muito bem

²⁴Ibid., p. 128.

²⁵Ibid., p. 132.

²⁶Ibid., p. 133.

²⁷ RUBIM, op. cit., p. 137-138.

formada”²⁸.

Corumbá “[...] mantem um ritmo de progresso invejavel [...] por ter uma situação privilegiada em face do commercio boliviano. Pela sua situação especial, fronteira com a Bolivia e proxima do Paraguay, Corumbá é um centro cosmopolita em o qual se encontram filhos de todos os Estados e de todos os paizes”²⁹.

As atividades recreativas e o espírito anti-regional da modernidade corumbaense mereceram certo destaque: “Corumbá possui também clubs modernos, entre os quaes sobresaem o Corumbaense e o Riachuelo”³⁰. Na “Cidade Branca” “[...] não existe o espirito regional das cidades pequenas do nosso sertão; o corumbaense como que entrevê o grandioso futuro de sua bella cidade natal dentro da communhão da patria brasileira... Enfim, Corumbá é uma cidade que prende qualquer espirito de observador”³¹.

Uma forma bastante *sui generis* de elogiar

Na primeira parte deste texto procurei elencar apenas as observações edificantes feitas por Rezende Rubim ao território que compunha o então sul do Estado de Mato Grosso, sobretudo, no que se refere à modernidade citadina na qual passavam os trilhos da NOB. De propósito, não mencionamos os adjetivos, podemos dizer, pouco cordiais do viajante para com a região.

Portanto, o objetivo agora é o de externar, sobretudo, dando ênfase para outros detalhes do texto escrito por Rubim para percebermos se o intuito inicial do autor, que era o de não perpetuar uma “phantasia desmedida”³² sobre o Estado de Mato Grosso, foi, de fato, realizado, bem como se Rubim acabou, ao escrever o seu relato, por reforçar, ou não, o que ele mesmo chamou de “phantasia desmedida”.

Tendo como contraponto a primeira parte do presente escrito e a seguir a segunda, entendemos que agora é possível compreender melhor como o texto de Rubim contribuiu, ou não, para desfazer a tal “phantasia desmedida” que ele próprio afirmou que os Estados de Mato Grosso e do Amazonas eram vítimas, embora tivesse deixado bem claro que não pretendia colocar suas “impressões em logarinatingivel”³³.

Ao fazer a análise do texto de Rubim não buscamos apenas explicitar como o

²⁸Ibid., p. 138.

²⁹Ibid., p. 139.

³⁰Ibid., p. 143.

³¹ RUBIM, op. cit., p. 146.

³²Ibid., p. 14.

³³Ibid., p. 15.

autor – na oportunidade sendo um viajante da NOB – representou, dentre outras coisas, a modernidade citadina do sul de MT, mas em especial demonstrar que a retirada de partes de um escrito pelo historiador pode, efetivamente, levar o leitor do seu escrito para outro entendimento e que, em geral, tal empreitada é sempre uma atividade perigosa e eticamente inadequada, pois dá importância para algo que sequer existiu e, mais do que isso, não corresponde ao legado de quem escreveu a fonte que o pesquisador analisa.

Feita esta observação, ressaltamos que a nossa necessidade em escrever o presente texto possui ainda um outro motivo, qual seja: ao ler um trabalho acadêmico que citava Rezende Rubim como uma das fontes, tivemos o entendimento de que esse autor – referimo-nos ao Rubim – considerava o Estado de Mato Grosso como sendo o próprio “paraíso do crime”³⁴.

Logo, fomos à busca do texto original. Fizemos isso não por desconfiar da análise do texto acadêmico, mas pelo fato de ter-nos interessado pelo conteúdo do livro, isso como fonte, tal qual já fizemos com vários outros materiais que lemos. Na medida do possível, e sempre que nos interessam, vamos em busca do “primeiro” escrito.

Fazendo a leitura de *Reservas de brasilidade*, para nossa surpresa, não concordamos com o escrito acadêmico, pois este texto dava a ideia de que Rubim considerava Mato Grosso como “paraíso do crime” e, no entanto, lendo o texto de Rubim entendemos que não procede.

Pensamos que esse entendimento pouco detalhado do trabalho acadêmico deve-se ao fato de quem o escreveu ter citado de forma inadequada o texto de Rubim, ao ponto de sugerir para o leitor que ele – neste caso Rubim – concordava com a visão de ser Mato Grosso um verdadeiro “paraíso do crime”.

Na verdade, Rubim utilizou a expressão “paraíso do crime”, mas o sentido foi bem outro, porém no trabalho acadêmico, em momento algum, isso foi externado. Ao lê-lo pensamos que o termo “paraíso do crime” é uma expressão cunhada por Rubim para externar

³⁴ Visando evitar algum mal-entendido, que pouco ou quase nada contribui para melhorar a realidade em questão, sentimo-nos na obrigação de mencionar que esta obra, que foi escrita por MACIEL, Laura Antunes. *A capital de Mato Grosso*. 1992. 174 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 1992, e que inclusive citamos adiante neste artigo, é um trabalho, assim avaliamos, de expressivo valor para a compreensão da história de Mato Grosso uno e muito citada em livros e revistas, sendo, portanto, bastante utilizada tanto por pesquisadores do Estado de Mato Grosso do Sul como por parte de estudiosos do Estado de Mato Grosso. Nós mesmos, sempre que possível, recomendamos vivamente a leitura deste texto. Destacamos ainda que resolvemos abordar neste texto essa questão porque nos pareceu oportuno neste momento. Pensamos que aprender com o que podemos chamar de “erros” é um acerto muito expressivo. O nosso intuito em mencionar este “erro”, se é que assim podemos denominá-lo, não é outro senão esse. Nós mesmos escrevemos alguns textos e, depois de refeita a leitura, já não concordávamos totalmente com o que havíamos escrito. Contudo, era tarde para mudarmos a escrita, pois os textos já estavam publicados.

como ele entendia a realidade de Mato Grosso.

Logo, a expressão passou a sinalizar que Rubim concordava com tal posicionamento. O que Rubim afirmou era que havia pessoas, porém desinformadas, dizendo isso e não que, de fato, todos os sujeitos do leste do Brasil diziam que isso ocorria no Estado de Mato Grosso.

Para esmiuçar mais a questão, vejamos o que Rubim escreveu:

Fazer um livro de viagens já é coisa corriqueira. Não há por ahi quem não tenha feito o seu. Nisso não vae mal algum; cada observador focaliza aquillo que o seu sensorio mais absorveu. Sobre o Amazonas, então, a bibliotheca já é numerosa: há bons e maos trabalhos. O que admira, entretanto, é a phantasia desmedida, sempre para peor, de alguns e a coragem de affirmar de quem nunca viu com o espirito despido de idéas aprioristicas. Para muitos o Amazonas é um inferno e Matto-Grosso o paraizo do crime; para nós são parcelas da grande patria, dignas de estudo e carinho, por guardarem zelosamente muita reserva de brasilidade³⁵.

Ora, lendo esse parágrafo que foi escrito por Rubim não podemos afirmar que ele considerava Mato Grosso como um “paraizo do crime” e nem que ele afirmava que toda e qualquer pessoa do leste do Brasil pensava que MT fosse, de fato, o “paraizo do crime”, sendo que esse segundo entendimento é o que consta no trabalho acadêmico que consultamos, porém apenas algumas palavras foram citadas.

É bem verdade que muitas matérias jornalísticas publicadas nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro consideravam MT como “paraizo do crime”, mas daí a sugerir que Rubim tinha dito isso ou que ele considerava que toda e qualquer pessoa do litoral do Brasil pensasse dessa forma já é outra coisa³⁶.

Diante dessa afirmação, consideramos muito importante lembrar aqui as palavras de Nelson Werneck Sodré (1911-1999), grande intelectual brasileiro do século XX, cujas análises ainda são de extrema valia para pensarmos a nossa realidade. Segundo Sodré, o pesquisador deve ter muita atenção ao trabalhar com as fontes, isso para evitar alteração no significado dos textos que consulta. “Nunca fui um improvisador, sempre fui um homem que procurou apoiar o que escreve em fontes e sempre repetindo; somos meros repetidores do que outros disseram, procuro ser um bom repetidor”³⁷.

É claro que o “bom repetidor” de que falou Sodré não possui qualquer paralelo

³⁵ RUBIM, op. cit., p. 14.

³⁶ Para maiores detalhes sobre esta questão ver os trabalhos de MACIEL, op. cit., 1992 e de GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Nos confins da civilização:sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. 2000. 358 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2000.

³⁷ SODRÉ, Nelson Werneck. Entrevista à Folha de S. Paulo, São Paulo, jul. 1995. Assunto: *doação de seu acervo à Biblioteca Nacional*.

com o sujeito positivista forjado com o decorrer do século XIX.³⁸ Em todo caso, mesmo que o pesquisador não seja positivista, a ação de alterar o significado das fontes, e sempre preferimos apostar que essa ação não é premeditada, é inadequada e prejudicial à História.

Se isso é feito, faz-se então alguma outra coisa, o que, aliás, é bom que se diga, não é História. Essa ação aproxima-se mais da imaginação e da fantasia do que da “verdade” emitida pelos sujeitos que produziram os referidos materiais e que os historiadores usam como fontes.

Lembramos aqui que o sujeito do passado, construtor de fontes, possui plenamente o direito de imaginar e de fantasiar quando constrói as fontes que o historiador utiliza; mas achamos importante lembrar também que esse é um direito apenas de quem faz a produção dessas fontes e não de quem as analisa, nesse caso o historiador. Quanto ao historiador, este tem o dever de delimitar esse mundo de significados e não de dar corpo para outro emaranhado de fantasias que só possuem concretude nas fantasias de sua mente.

Agora, se o historiador puder ele mesmo imaginar o conteúdo das suas fontes, então seguramente estaremos diante de algo inédito. Fato esse que, evidentemente, não é cogitado, até porque existem campos da Literatura que já fazem isso com muito primor. Logo, perderíamos no mínimo duplamente, pois gastaríamos muito tempo para delimitarmos o nosso espaço no mundo da Ciência e teríamos de desconsiderar várias décadas de conhecimento ditos “propriamente” da História.

Visto de um outro ângulo, essa fantasia ou imaginação dos historiadores não é de todo ruim. Só por causa disso é que tivemos a ideia de escrever o presente texto para externar que é preciso ter um determinado cuidado no momento de retirar parte de uma obra ou de dizer o que a fonte que se utiliza intentou explicitar.

Então, para dar conta desse objetivo fizemos na primeira parte deste escrito uma seleção de palavras, frases e parágrafos nos quais Rezende Rubim enalteceu algumas cidades do sul do Estado de Mato Grosso. Na segunda parte, deste item em diante, fizemos uma seleção na qual procuramos recortar ao mínimo o texto de Rubim. Sendo assim, o objetivo é o de demonstrar, e nem tanto o de analisar, que a ação do historiador em recortar ou citar apenas umas palavras entre aspas pode ser um caminho metodológico muito complicado e pouco esclarecedor para o leitor que consulta o texto acadêmico. Além disso, atenhamo-nos mais na modernidade citadina de Campo Grande e de Corumbá, pois os relatos contraditórios são mais

³⁸ Faz-se necessário um adendo: *repetir* não deve ser entendido, jamais, como simplesmente *copiar* aquilo que consta em uma fonte, mas sim, num termo mais atual, analisar ou problematizar o conteúdo externado pelas fontes.

flagrantes.

Entendemos que mais vale fazer longas citações, mesmo que nem todos os seus aspectos sejam analisados, do que citar poucas palavras, pois ao optar por essa última escolha a possibilidade de querer dizer uma coisa e escrever outra é bem maior. Situação que, por vezes, faz com que o trabalho do historiador possua alguns pontos que mais parecem fruto de um texto literário com base na imaginação e/ou na fantasia do que propriamente em fontes chamadas históricas.

Além disso, as citações mais completas permitem, no nosso entendimento, um possível grau de interação bem maior com o leitor; possível em razão de depender muito mais do desejo do leitor do que de quem escreveu o texto.

Mesmo Rubim tendo deixado muito bem externado que não tinha como objetivo “colocar” sua obra em “logar inatingível” e que muitos dos relatos feitos a respeito de MT eram uma “phantasia desmedida, sempre para pior”, o autor não abriu mão de afirmar igualmente que o seu trabalho tinha um mérito, qual seja, “ser a expressão da verdade vista com alma.”

Pensamos que ao fazer isso Rubim propôs desmistificar a situação da qual ele próprio dizia que Mato Grosso era vítima, portanto, seu texto acabava, pelo menos em teoria, por ter um objetivo de duas vias: contribuir para a desconstrução da realidade existente sobre MT e externar não uma “phantasia desmedida”, mas sim a tal “reserva de brasilidade” que o próprio Rubim disse haver na Amazônia e em Mato Grosso.

Observemos então a citação de um relato menos fragmentado de Rezende Rubim sobre a modernidade de algumas cidades e aspectos gerais da região sul do Estado de Mato Grosso, bem como o sentido deste relato agora. Lembrando que não se trata somente de observar se, de fato, Rubim contribuiu para a desconstrução social de uma realidade e a construção de outra, mas também como foi que isso se deu no decorrer de seu escrito, que, segundo ele, era uma “expressão da verdade vista com alma”³⁹.

Quem, das bandas de S. Paulo, pretender abordar pela primeira vez Matto-Grosso, recebe de chofre, na conversa dos desanimados, uma ducha de agua fria. Para esses o grande Estado central é o Far-West brasileiro, onde a força é lei e o homem um egresso, fugido das prisões e dos castigos. Para um tal estado de coisas concorre a ignorancia dos que vivem no litoral, sem se aperceberem dos inauditos esforços empregados pelo homem do interior para integrar-se no ritmo da civilização nacional. Outras vezes a má impressão vem de ouvir o proprio nativo, relatando façanhas rocambolescas e de factos contados por adventiciosá procura de noticiario sensacional. Matto-Grosso não é o que se pensa: é um Estado progressista, que tem sabido elevar-se com os seus proprios recursos. Não têm sido poucas as vezes que o governo federal alli interveio, a pretexto de restabelecer a ordem, concorrendo como

³⁹ RUBIM, op. cit., p. 15.

sempre, cada vez mais, para a desorganização política local⁴⁰.

Note-se que Rubim afirmou que MT era um “Estado progressista”, entretanto, também afirmou que havia desordem local. Mais adiante o tal “Estado progressista” foi minimizado de tal forma que o sul de Mato Grosso ficou reduzido a apêndice do Estado de São Paulo (SP). Na próxima citação Rubim já considerou o sul de MT como “um prolongamento” de SP e não mais como “um Estado progressista, que tem sabido elevar-se com os seus próprios recursos.” Vejamos mais sobre o fato da economia do sul do Estado de MT ser “um prolongamento de S. Paulo”.

A parte sul de Matto-Grosso é um prolongamento de S. Paulo. Vive, de facto, subsidiaria do Estado litoraneo, para felicidade dos mattogrossenses que dest’arte aproveitam da seiva paulista. O traço de união entre os dois visinhos, o elemento de ligação, é a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, construida pelo governo federal. O seu traçado é um dos mais arrojados gestos politico-economicos do Brasil republicano⁴¹.

Nesse parágrafo, Rubim elogiou a NOB como meio de comunicação, porém, reduziu outra vez a economia do sul de MT à influência da economia paulista. Adiante, reordenou seu posicionamento sobre a NOB. Embora não tivesse como intenção ater-se à realidade paulista e sim à do sul de Mato Grosso, Rubim criticou a infraestrutura da NOB no sul de Mato Grosso, tendo como base para isso o trecho dessa ferrovia no Estado de São Paulo.

A Noroeste se inicia em Baurú, em terras bandeirantes e termina em Porto Esperança, na barranca do rio Paraguay, depois de 1.310, 236 klms, de percurso e de inumeras obras de arte em seu leito. A situação premente em que foi construida a estrada não permittio mais cuidado com o leito, razão por que, até bem pouco tempo atraz a parte final do trecho, na zona do pantanal, assente em terreno fôlo e baixo, soffria as continuas baldeações das enchentes do rio Paraguay. Ultimamente vem a administração da estrada cuidando de levantar os trilhos na parte acima referida, já estando concluido um trecho na parte terminal.

A estrada é de bitola estreita, servida por material rodante deficiente.⁴²

Depois dessas observações comparativas entre o trecho da NOB paulista e o trecho da ferrovia existente no sul mato-grossense, o viajante Rubim fez outros apontamentos sobre a vegetação, o clima, a paisagem e demais aspectos do ambiente, contudo, é com base nos relatos da cidade de Campo Grande e de Corumbá que podemos perceber com mais flagrância que tipo de imagem Rubim tornou mais popular no leste do Brasil a respeito do Estado de Mato Grosso.

Não pretendemos descrever o trecho paulista do caminho de aço, já muitas vezes

⁴⁰ Ibid., p. 119.

⁴¹ RUBIM, op. cit., p. 120.

⁴² Ibid., p. 121.

abordado por outros, procuramos descrever succintamente o traçado em terras mattogrossense, da ponte sobre o Paraná até a ponta dos trilhos em Porto Esperança, no rio Paraguay.

A primeira cidade encontrada em terras mattogrossenses é Tres Lagoas, em pleno achatado e arenoso, bem traçada em ângulos rectos á feição de grande cidade. Por enquanto ainda é uma cidade em evolução: de S. Paulo vem-lhe o oxygenio de que vive, dada a sua situação, quase ás bordas do rio Paraná⁴³.

Três Lagoas estava em evolução, mas o motivo disso era o ar de São Paulo e não o trabalho do seu povo. Ao externar esse entendimento Rubim explicitou também que Três Lagoas só era do jeito que estava em razão de ser territorialmente próxima de São Paulo. Tanto isso procede que nos parágrafos seguintes Rubim afirmou que de Três Lagoas em diante “o cenário muda”: poeira, fadiga, monotonia e calor ditavam o ritmo da viagem até bem perto de Campo Grande.

De Baurú, inicio da Noroeste, a Tres Lagoas, viaja-se dois dias e uma noite e chega-se á noite do segundo dia á primeira cidade mattogrossense. Já se encontram em Tres Lagoas algumas construcções modernas e interessantes e a “salla de visitas” do Estado, promette ser em futuro proximo uma cidade digna do nome que lhe emprestaram.

Da barranca do Paraná a Campo Grande o cenário muda. Quando a viagem é feita durante o dia o viajante, envolvido por uma densa nuvem de pó, observa a mutação do chão arenoso pelo vermelho arroxeadado que, afinal, fixa-se no sanguineo das estrelas. O matto é ralo: estamos na zona do gado. Todas as cercanias, até o termino da estrada, prolongando-se para o norte até Coxim e para o sul até Maracajú, Bella-Vista, Porto Murtinho, nessa parte de Matto-Grosso são grandes campos de criação de gado vaccum. Nas proximidades de Campo Grande existem os afamados campos de Vaccaria, quase todos pertencentes a membros de uma só familia. Dentro das lindes de Matto-Grosso, somente no Pantanal, na Nhecolandia, encontram-se pastos superiores aos da Vacaria. A viagem para Campo Grande é fatigante. A monotonia das duas cores dominantes – o verde amarellado da vegetação e o vermelho da terra – cançam e amollentam quem observa, diminuindo-lhe os talentos da analyse e como que o adormentando no somno da indiferença⁴⁴.

Mais uma vez a contradição é latente. Se por um lado os elogios à região fizeram-se presentes, por outro, os comentários pouco cordiais também. O ambiente foi o grande responsável por todo o desconforto do passageiro. Somente nas proximidades de Campo Grande, já na Serra de Maracaju, em altitudes em torno dos 500 metros, é que o quadro começou a mudar e, com isso, o viajante Rubim sentiu-se mais confortável.

A aproximação de Campo Grande melhora um pouco tal estado de fadiga. É que, começamos a galgar a serra de Maracajú e o ar, de morno, transforma-se em temperado. Os accidentes da viagem são tambem mais interessantes: aqui e alli surge um riacho, uma ponte a transpor, uma descida pedregosa, enfim, uma distracção nova para o olhar fatigado pela monotonia⁴⁵.

A cidade de Campo Grande, então já com cerca de 15 mil habitantes na zona urbana, foi pensada como um espaço que aglutinava vários elementos indispensáveis ao

⁴³ Ibid., p. 123.

⁴⁴ RUBIM, op. cit., p. 124-125.

⁴⁵ Ibid., p. 125.

desenvolvimento de uma *cidade moderna*.

Campo Grande já é uma cidade importante; núcleo de convergência de diversos municípios próximos. A cidade é bem traçada em ruas largas, sendo algumas calçadas a Mac-Adam. Possui um jardim muito gracioso e residências de primeira ordem. Nada fica a dever às modernas cidades paulistas do ciclo do café. Sendo Campo Grande a sede da Região Militar e lá estando localizados alguns milheiros de soldados, o elemento de farda avulta dentro da população civil. Amambahy, o bairro dos quarteis, está se transformando em outra cidade, com todo o conforto. A localização em Campo Grande da Região Militar trouxe grandes benefícios ao lugar. Derrama-se assim, mensalmente, uma somma respeitável de dinheiro no comércio local⁴⁶.

Embora outras cidades tivessem sido pontuadas pelos escritos de Rubim, a modernidade citadina de Campo Grande recebeu as observações menos controversas e mais diplomáticas do viajante, pois, de modo geral, as observações de Rubim tinham sempre uma contradição inerente. Ao mesmo tempo em que externavam o progresso e o desenvolvimento de algo, também diziam que o mesmo objeto representava uma falta de progresso, bem como de desenvolvimento.

No que tange à modernidade citadina de Campo Grande, essa conduta não foi tão forte. Mesmo assim, Rubim teceu algumas críticas à cidade e ao modo de agir – na verdade os costumes – dos sujeitos que nela residiam, em particular os militares.

A sua permanência, entretanto, veio trazer, também, desvantagens. Nem todos os chefes militares têm sabido guardar a posição a cavaleiro das rixas políticas locais. E, mais: a fixação de tão grandes contingentes federais no sul do Estado tem concorrido para amparar o espírito separatista de alguns políticos sem escrúpulos, criando sérios embaraços à administração do Estado. É que, só o facto de permanecer em Campo Grande a sede da Região, faz com que os habitantes de lá se julguem com direitos que as outras partes do Estado, no seu entender, não possuem. A força federal influe para tal estado de coisas à maneira de acção catalítica ou acção de presença, pois, nem sempre o elemento militar participa directamente para a situação do espírito de regionalismo dominante no lugar. O campograndense sente-se naturalmente orgulhoso do seu progresso, sem perceber, todavia, que grande parte d'elles vem da vizinhança com Maracajú, Bella Vista, Nioac, Aquidauana e Pontaporan. Os municípios próximos são ligados por estradas a Campo Grande e a única saída que têm para os seus productos é pela bella cidade serrana, plantada à beira da Noroeste do Brasil. Não queremos dizer com isso que Campo Grande não tenha vida própria; a cidade já possui elementos bastantes para esperar do futuro uma situação invejável. As cercanias são todas afazendadas e a localização de algumas colônias de japonezes tem concorrido para melhorar o padrão de vida dos habitantes, até há bem pouco tempo dependentes do producto paulista.

A região campograndense, aliás como toda essa parte do sul do Estado, é cosmopolita. Quasi todo o contingente humano é nascido em outras plagas. Para tanto concorre a facilidade de acesso por intermédio de S. Paulo, o Estado por excellência colonizador. Além d'isso as fronteiras próximas, principalmente a do Paraguai, contribuem muito para que o sul do Estado seja, como é, uma região onde o elemento de fora esteja sempre em maioria⁴⁷.

Rubim, mesmo tendo criticado alguns aspectos da cidade de Campo Grande, foi

⁴⁶ Ibid., p. 125.

⁴⁷ RUBIM, op. cit., p. 125-127.

mais comedido ao tecer comentários sobre tal modernidade cidadina desta urbe. O viajante em questão não colocou em xeque o *progresso* da cidade, tanto é que chegou a compará-lo com o das “modernas cidades paulistas do ciclo do café”.

Sendo assim, podemos dizer que Rubim elogiou a vitalidade da *Cidade Morena*, dando a entender que a infraestrutura nela existente não era em nada desprezível. Dentre outros fatores positivos estavam: 1º) o fato de ela ser entroncamento de diversas estradas de rodagem, 2º) possuir “alguns milheiros de soldados”: algo em torno de 2 mil militares, que representavam cerca de 25% da população total da cidade no início da década de 1920⁴⁸ e 3º) ter uma expressiva quantidade de migrantes e imigrantes, sendo que em torno de 20% da população de Campo Grande, em 1933, era estrangeira.⁴⁹

Por outro lado, a presença militar não foi vista somente como contributo à cidade e à região em geral. No entendimento de Rubim, o posicionamento de alguns militares era nocivo à realidade, sobretudo política, de Campo Grande, pois desestruturava o modo de vida forjado pela tradição local. De toda forma, a maior parte das adjetivações de Rubim para com a modernidade presente no espaço urbano de Campo Grande foi positiva, entretanto, o mesmo não se pode dizer a respeito das observações de Rubim sobre as modernidades das cidades de Aquidauana e de Miranda. Observemos:

Sahindo de Campo Grande e continuando a viagem pela Noroeste a primeira cidade que se encontra é Aquidauana. Desce-se a serra de Maracajú e o que se observou na subida admira-se em sentido contrario. Deixa-se em pouco a terra arroxeadada para encontrar o solo arenoso.

Aquidauana, á margem do rio do mesmo nome, está edificada sobre areia e na base da serrania. É, por essa razão, uma cidade quente. Não tem progredido muito; Campo Grande absorveu toda a vitalidade das cidades mattogrossenses da Noroeste. Apesar d’isso o municipio tem progredido e, ultimamente, o commercio tem-se desenvolvido por causa da industria das xarqueadas. Aquidauana é muito bem traçada e a construcção já se vae orientando por tendencia francamente moderna. [...]

Logo após Aquidauana, que está a meio dia de viagem de Campo Grande, encontra-se Miranda. É ainda mais acanhada que a primeira, porem, tem vista muito mais agradável. A rua que margina o caminho ferreo é debruada de bons predios e as ruas transversais são entrevistas em rectas seguras e bem lançadas⁵⁰.

Rubim, depois de afirmar que Aquidauana era uma “cidade quente”, disse que

⁴⁸ Estes dados, tanto o numérico como o percentual, constam na obra de ARRUDA, Ângelo Marcos Vieira de. *Campo Grande: arquitetura, urbanismo e memória*. Campo Grande: UFMS, 2006, p. 17.

⁴⁹ Os japoneses compunham o grupo mais expressivo: eram mais de 1.600 pessoas. Os imigrantes sírios totalizavam o segundo maior grupo de imigrantes. Eram ao todo 603 sujeitos. Além destes, havia imigrantes alemães, argentinos, armênios, bolivianos, búlgaros, chilenos, espanhóis, franceses, gregos, norte-americanos, poloneses, russos, uruguaios, dentre outros, porém em quantidade não muito expressiva. No respectivo material não consta a existência dos imigrantes paraguaios, contudo, seguramente eles estavam presentes, e em significativa proporção, na cidade de Campo Grande. CAMPO GRANDE (Município). Prefeitura Municipal de Campo Grande – Secção Oficial – O Município em 1933. Folha da Serra. *Revista Mensal Ilustrada*, Campo Grande, ano II, n. 23, p. s/p., ago. 1933.

⁵⁰ RUBIM, op. cit., p. 127-128.

tanto essa urbe como Miranda eram cidades bem traçadas, porém, não deixou de frisar que ambas tinham progredido pouco e que Campo Grande era a culpada por tal fato, já que absorvia o *progresso* – Rubim chama de “vitalidade” – das urbes servidas pela NOB. Na continuação da viagem, Pantanal adentro, Rubim foi muito direto ao dizer que a região pantaneira tinha um dos solos mais ricos do Brasil, embora antes disso afirmasse que a viagem era desinteressante e que fazê-la era um “sacrifício”. Vejamos tal relato e, não menos, as contradições nele contidas:

A Noroeste, de Miranda em diante, percorre a zona do pantanal, cheia de mosquito e poeira. A viagem nada tem de interessante; antes é um sacrifício ao bom gosto e ao conforto. A zona do pantanal estende-se por grande parte da margem esquerda do rio Paraguay, indo de Porto Murtinho, quasi na foz do Apa, até Poconé, limitando-se pelos planaltos da Vaccaria e Amambahy, alto da serra. Tal região, que á primeira vista pela denominação parece ser um lodaçal immenso, é uma das porções de terra mais ricas do paiz. Isso porque é um paraizo para a criação do gado vaccum. Em toda a região encontram-se grandes represas de aguas carregadas de chloreto de sodio, formando extensos lagos. A existencia de taes lagos é revelada pelo capim *tabôa*, em enormes *tabuás*. O gado destroe o capim, prococando o apparecimento da agua salgada. O general Rondon constatou a existencia de 117 lagoas, sendo 93 salgadas. [...]

Dentro da região pantaneira estão localizados actualmente os melhores campos de criar do Estado, os da Nhecolandia.

A Nhecolandia possui hoje 600 mil cabeças de gado vaccum, entre os quaes já se encontra muito animal de qualidade. Um dos proprietarios de fazenda alli, intelligente e trabalhador, já introduziu em seus rebanhos a raça Polled Angus, a que, talvez, produz a melhor qualidade de carne. [...]

A Nhecolandia possui pastos nativos, encontrando-se hoje os seguintes capins: branco, felpudo, mimoso e grammas chatas. Nos baixios existem arrozaes nativos. O único trabalho para o criador em tal região é o da ferra e o cuidado nos momentos das enchentes, quando o gado deve ser levado para os *firmes*. O progresso da pecuaria no logar tem concorrido para o melhor padrão de vida do residente local apresentando a Nhecolandia actual todo o conforto possivel.

Achamos necessario fazer um parenthesis para a descrição de parte da zona privilegiada do pantanal porque consideramos a Nhecolandia como um verdadeiro paraizo, entre as tristezas de outras terras suas visinhas⁵¹.

Rubim elogiou a região chamada de Nhecolândia, mas em contrapartida desvalorizou as outras regiões. Ora, mas quais eram as “outras terras suas visinhas”? Com base no texto de Rubim, podemos incluir em tal rol as regiões da “Vaccaria” e do “Amambahy”.

Seguindo a viagem pelos trilhos da NOB, as observações também não foram nada cordiais. Todavia, isso não importa tanto. O que realmente interessa é demonstrar as contradições existentes no relato de Rezende Rubim e explicitar que se a citação deste texto for por demais fragmentada existe grande risco de se comprometer o entendimento dado por Rubim ao seu escrito.

A viagem durante o trajecto final até Porto Esperança não é nada agradável. O trem

⁵¹ RUBIM, op. cit., p. 129-131.

marcha ao cair da noite e atravessa verdadeiras ondas de mosquitos e o passageiro fatigado por tão longa viagem não mais se interessa pelo que possa ser visto á margem do caminho.

Não sei porque Porto Esperança foi baptizado com tão bonito nome; é um logar sem vida e onde os mosquitos são particularmente vorazes e de um tamanho fora do commum. Existe um celebre mosquito branco que tem a capacidade especial de atravessar com o ferrão qualquer tecido. Não vale em Porto Esperança resguardar-se com meias e roupas grossas; o mosquito branco vence todos esses obstaculos e introduz na victima um ferrão agudissimo que deixa lembranças por muito tempo. Certos passageiros obrigados a pernoitar em tal logar relataram-nos que foram constrangidos a comer dentro de grandes mosqueiros, pois, fóra, seriam levados a tragar mosquitos, inconscientemente, com as garfadas que levassem ábocca. Parece que estamos exagerando, entretanto, essa é a opinião de todos os que passam por Porto Esperança. Ao nosso ver o nome do logar deveria ser “Remate de Males”, á semelhança de uma certa cidade do Amazonas. A impressão agradável de quem chega á ponta dos trilhos da Noroeste é a de ver-se livre do pó, do jogo terrível do trem e estar dentro em pouco, depois de um banho reconfortante, a bordo de navio limpo e confortavel. Só o facto de enxergar o majestoso rio Paraguay, depois de haver vivido alguns dias em ambiente permanentemente empoeirado, já é um grande consolo.

O vaporsinho que faz o serviço de travessia, subindo o Paraguay até Corumbá e, quasi sempre, o “Fernandes Vieira”, pertencente a Empresa Migueis. Outras embarcações chegam tambem até a ponta dos trilhos, taes as da Empreza Boabaid, sem, entretanto, manterem serviço regular.

A viagem é feita á noite. Quando o trem chega nohorario, sae-se de Porto Esperança ás 8 ou 9 horas, chegando-se a Corumbá no dia seguinte, tambem entre 8 e 9 horas da manhã.

Hoje já há um serviço regular do Syndicato Condor que traz os seus aeroplanos de S. Paulo até Cuiabá em um dia e horas. Inaugurou-se recentemente um serviço com o tri-motor Rio-Corumbá que muito facilitará o intercambio com a Bolivia, por intermedio do Lloyd Aereo Boliviano⁵².

O viajante falou da demora do trem, da onda de mosquitos, da poeira. Além disso, mencionou que tudo isso causava uma espécie de cegueira no viajante, desanimando-o na observação de outras paisagens. Indagou também sobre o fato de Porto Esperança ter esse nome, afinal, segundo ele, não merecia. Segundo Rubim, era uma localidade “sem vida” e habitada pelo emblemático “mosquito branco”. Vencedor, poderoso e pavoroso, não? Não o relato de Rubim, mas sim o mosquito!

Apontou também que havia a irregularidade no serviço de transporte fluvial. Embora tenha elogiado o rio Paraguai, chamando-o de “majestoso”, contradisse em parte esse feito alguns parágrafos depois. Observemos:

A viagem de Porto Esperança a Corumbá, subindo o rio Paraguay, nada tem de interessante. O conforto que se sente é o de haver deixado para traz o trem com toda a sua serie de torturas. [...]

Sae-se de Porto Esperança á noite e chega-se no outro dia pelas 8 ou 9 horas da manhã em Corumbá⁵³.

Vemos que, na verdade, que o rio não era interessante por si só. O rio só era

⁵² RUBIM, op. cit., p. 131-133.

⁵³ Ibid., p. 135.

interessante pelo fato da viagem de trem ter sido uma “serie de torturas”. O fato de considerar a viagem de trem de Campo Grande até Porto Esperança como sendo uma “serie de torturas” exemplifica bem a concepção do autor. Isto é, que a modernidade não se fazia existir apenas com as construções físicas, mas que eram necessários sujeitos para vivificá-la. E ele, como sujeito, desaprovava tal modernidade.

De Ladario a Corumbá, por agua, são 15 a 20 minutos. Chamam-na de cidade branca e, com effeito, merece tal designação. Está situada a cavalleiro, em uma eminencia calcarea que lhe empresta o tom alvadio caracteristico. Vestida assim em tom argênteo, reverberando aos golpes rudes do sol, Corumbá, a princeza do rio Paraguay, apparece para quem chega, ao dobrar da volta do rio, tal como se fora uma joia cheia de facêtas, faiscando ao dourado dos raios do atro-rei⁵⁴.

Corumbá, “joia cheia de facêtas”, por seu turno tinha alguns problemas e estava próxima de outros, e Rubim assinalou um deles: “Ladario”.

A communição de Corumbá com Ladario é feita por intermedio de uma boa estrada de automoveis: são 10 minutos de viagem. Ladario é um districto de paz de Corumbá e tem uma população de cerca de mil e quinhentas almas. Possui muito boas construcções e é a séde da Flotilha da nossa Marinha de Guerra e do Arsenal. De passagem não podemos deixar de assignalar aqui o grande numero de doentes do mal de Hansem que observamos em Ladario. É um descuido imperdoavel, deixar-se a séde de uma guarnição militar entregue ás devastações de tão terrivel doença⁵⁵.

Na sequência, o viajante Rubim mostra o progresso (e a diminuição deste) em Corumbá. Do final da Guerra contra o Paraguai (1864-1870), Corumbá

[...] vem progredindo sem interrupção, só tendo havido solução de continuidade depois da inauguração da Noroeste do Brasil. Diminuiu o avanço de Corumbá porque Campo Grande ficou sendo o entreposto principal do commercio, que passou a ser feito pela estrada de ferro. Apesar disso, Corumbá, si não tornou aos dias de seu fausto passado, mantém um ritmo de progresso invejavel e promete voltar aos dias aureos de outros tempos, por ter uma situação privilegiada em face do commercio boliviano. Pela sua situação especial, fronteira com a Bolivia e proxima do Paraguay, Corumbá é um centro cosmopolita em o qual se encontram filhos de todos os Estados e de todos os paizes. E não é essa uma população transitorria; são elementos radicados ao lugar e que contribuem com seu trabalho para o bem commum. Já se percebe alli o crusamento entre os diversos elementos de fora, o que empresta a Corumbá uma mentalidade de cidade grande⁵⁶.

As propriedades curativas do ambiente (e os perigos de se viver num lugar deste tipo) também mereceram a atenção de Rubim, embora o poder público não desse a devida atenção para esta riqueza natural:

As aguas do Urucum são medicinaes. Não são poucos os soffredores de rim e figado que para lá têm ido e voltam curados. Descem as aguas do morro, onde se encontra a maior quantidade de manganez. Em exame summario procedido nas mesmas encontrou-se, alem do ferro o enxofre. As fontes de aguas mineraes em Matto-

⁵⁴ Ibid.,p. 137.

⁵⁵ RUBIM, op. cit., p. 141.

⁵⁶ Ibid., p. 139.

Grosso são muitas e algumas d'ellas já têm sua frequencia entre a propria gente do Estado. É pena que os poderes publicos não levem a serio tanta riqueza.

Urucum possui outra riqueza – a sua terra. Poucas vezes temos visto verdura tão boa e tão florescente como a que ali vemos. E a fructa não fica atraz, mantendo os irmãos Carcano um pomar de primeira ordem.

Corumbá possui também clubs modernos, entre os quaes sobresaem o Corumbaense e o Riachuelo. Aquelle possui uma sede social digna de figurar na capital da republica. Tem o Corumbaense campos de desportos e uma piscina nas bordas do rio Paraguay. E é conveniente que se saiba que o rio Paraguay tem uma particularidade perigosa: é um dos rios do mundo que agasalha o maior numero de piranhas. Ninguem desconhece que a piranha é um peixe voracissimo. Um cardume de piranhas não é para brincadeiras, devora um boi em menos de 10 minutos⁵⁷.

Podemos perguntar então: quem vai para o rio? Tendo em vista este relato, ninguém – que seja *civilizado* – iria. Rubim sinaliza através do seu texto que Mato Grosso era naturalmente rico, porém não era possível usufruir desta riqueza; corria-se grande risco ao empreender tal ação. Urucum⁵⁸, que está localizado a oeste do rio Paraguai e na zona rural do Município de Corumbá, exemplifica isso:

Urucum é um thesouro inexplorado; lá está, possivelmente, a maior mina de manganez do Brasil. Muitas companhias têm tentado explorar taes riquezas, mas, parece que o commettimento requer, não só o emprego de grandes capitaes, como tambem o momento propicio de valorisação do produto, pois, somente o frete consumirá quasi a totalidade do lucro. Assim dizem os entendidos⁵⁹.

A importância do relato

Antes de qualquer apontamento mais conclusivo, pensamos que é de vital importância afirmar que o relato do viajante Rezende Rubim é muito valioso e que outras análises de tal relato são sempre de grande valia para a compreensão da história do atual Estado de Mato Grosso do Sul e da modernidade outrora existente nesse espaço.

Quanto ao objetivo inicial de Rubim, que era o de fazer um relato que fosse “a expressão da verdade vista com a alma”, entendemos que ele foi efetivado, contudo, achamos que tal efetivação deu-se apenas parcialmente, pois partes deste relato contribuíram para alimentar ainda mais a “phantasia desmedida, sempre para peor” da realidade existente no

⁵⁷ Ibid., p. 142-143.

⁵⁸ Segundo ALMEIDA, Fernando F. M. de e LIMA, Miguel Alves de. *Planalto Centro-Occidental e Pantanal Mato-Grossense*. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1959, p. 44-45: “O maciço de Urucum é o mais notável acidente que se oferece ao curso do rio Paraguai, que para o contornar descreve sua maior sinuosidade. Tal como hoje se apresenta, é esse maciço um relêvo residual de erosão, cuja subsistência é devida à resistência que as camadas jaspilíticas oferecem à erosão. O maciço inclui, além da montanha de Urucum, mais conhecida, as serras de Santa Cruz, Rabicho, São Domingos e Piraputangas, bem como o morro isolado a que chamam Tromba dos Macacos. Estudos geológicos detalhados, visando sobretudo ao conhecimento das reservas de minérios de ferro e manganês aí existentes, evidenciaram serem tais montanhas restos, já muito erodidos, de blocos de falha provavelmente fraturados durante o terciário superior, no climax da orogênese andina. [...] Deve seu nome indígena à côr vermelha de suas escarpas, tingidas por óxidos férricos.”

⁵⁹ RUBIM, op. cit., p. 141.

Estado de Mato Grosso.

Que pessoa do leste do Brasil alteraria sua concepção sobre MT ao ler o relato de Rubim? Que pessoa gostaria de se empoeirar toda ao fazer o percurso ferroviário de Três Lagoas até próximo de Campo Grande? Pegar um tremendo calor em Aquidauana e Miranda? Ser picado pelo “mosquito branco” em Porto Esperança? Ou arriscar a vida ao tomar um banho de piscina, já que a mesma ficava na margem do rio Paraguai e este, por sua vez, tinha piranhas em suas águas?

Especificamente sobre a modernidade cidadina existente no sul do Estado de Mato Grosso, em particular a presente no caminho férreo da NOB, Rubim legou-nos preciosas observações. É bem verdade que tais observações podem ser comparadas com as de outras realidades, sobretudo, a paulista. De qualquer modo, ficou latente, e isso levando sempre em conta as observações de Rubim, a pequena quantidade de cidades no transcorrer de cerca de 1.000 quilômetros entre Três Lagoas e Porto Esperança e a pouca utilização do território para atividades comerciais. Não podemos esquecer que a paisagem monótona e empoeirada entre Três Lagoas e Campo Grande era um indicativo explícito da atividade econômica que predominava na região: a pecuária extensiva.

As cidades de Três Lagoas, Aquidauana, Miranda e os povoados de Porto Esperança e Ladário foram descritos de forma mais rápida do que as cidades de Campo Grande e de Corumbá. Isso demonstra que a cidade, de modo geral, e a urbanização, em especial (entenda-se aqui concentração populacional em ambiente citadino), não eram elementos de grande destaque na realidade do sul de Mato Grosso na primeira metade do século XX.

Contudo, é importante que se diga que ao longo dos trilhos da NOB estava significativa parcela das cidades da região sul do Estado e que nelas havia uma modernidade cidadina diretamente ligada com a economia pecuária, para não dizer dependente da bovinocultura extensiva. De um total de 14 municipalidades existentes no sul de Mato Grosso na década de 1930, cerca de 30% delas tinha acesso ao transporte ferroviário ou dele estavam muito próximas, como no caso de Corumbá. Ademais, dos 200 mil habitantes dos 14 municípios do sul de Mato Grosso em 1936, algo em torno de 50% destes residiam em apenas 5 deles, porém, todas essas municipalidades estavam próximas dos trilhos da NOB, com destaque para Campo Grande e Corumbá, cuja maior parte das suas populações habitava nas

zonas urbanas⁶⁰.

Estas duas cidades, por sua vez, de uma forma ou de outra, com menor intensidade em algumas ocasiões e maior em outras, foram transformadas (mas não necessariamente melhoradas para todos os sujeitos) com o dinheiro proveniente da bovinocultura. Portanto, a paisagem monótona de Três Lagoas até nas proximidades da cidade de Campo Grande não era de todo sem serventia, pois nela havia a bovinocultura que, por seu turno, viabilizou boa parte da modernidade citadina elogiada por Rubim, haja visto que uma percentagem expressiva da elite urbana (e das construções que ela empreendeu) era composta também pelos pecuaristas.

Sendo assim, podemos dizer que a modernidade citadina observada pelo viajante Rubim e externada na obra *Reservas de brasilidade* dependia (e era dependente) da economia rural: na medida em que esta triunfava, igualmente a modernidade citadina passava por transformações, isto é, cada vez mais a cidade consolidava a sua modernidade citadina. Diretamente em razão disso, a modernidade citadina existente no sul do Estado de Mato Grosso na década de 1930 era uma modernidade constituída pelos ganhos da economia rural, já que esta não se restringia apenas ao chamado espaço rural, mas atuava de forma muito marcante no espaço urbano.

Por fim, faz-se necessário também explicitar que o trabalho do historiador não deve ser um labor que distorça o sentido do conteúdo das fontes que ele analisa. Portanto, as citações, sobretudo as indiretas, devem ser feitas com o maior cuidado possível, já que ao citar apenas algumas palavras o pesquisador pode, e com grande possibilidade, dar um outro rumo para o pensamento inicialmente contido na fonte citada e, é claro, esse não é um ofício adequado ao historiador comprometido com a compreensão do presente por meio do que ocorreu no passado.

⁶⁰ A análise é minha, porém os dados para efetivá-la estão nas obras de CORRÊA FILHO, Virgílio. *Mato Grosso*. 2. ed. Rio de Janeiro: Brasílica, 1939, p. 98 e SODRÉ, Nelson Werneck. *Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941, p. 168.